

Sobreviver e ser – a motivação da mulher adulta para estudar

Isabel Domingues¹
Senira Ferraz Fernandez²

Resumo. Este trabalho tem como foco a investigação dos fatores motivadores para que as mulheres continuem a estudar. Sob o ponto de vista de Maslow, foi traçado alguns caminhos que revelam o que estas mulheres valorizam e o que elas esperam com sua ascensão educacional. Pode-se perceber que há uma mulher em ascensão que se encontra eclodindo socialmente. Suas buscas e focos estão pautadas em conexões muito fortes, como por exemplo, os filhos, a família e o resgate de sua autoestima e dignidade. Fatores que mobilizam estas mulheres a construir sua identidade e ser reconhecida socialmente.

Palavras-chave: Mulheres na escola, motivação feminina, desenvolvimento social feminino.

1 Introdução

Na Pesquisa Nacional de Emprego (PME) de 8 de março de 2012, divulgada nesta data, não coincidentemente por se comemorar o Dia Internacional da Mulher, apresenta-se dados que impele grupos feministas a comemoração. Alguns poucos números de crescimento denotam uma parca ascendência no desenvolvimento das mulheres em relação a instrução, participação no mercado de trabalho, entre outros. Números pouco expressivos, mas que denotam um movimento deste público, que historicamente vêm procurando se posicionar de forma igualitária frente a sociedade com demandas voltadas ao público masculino nas relações sociais, como por exemplo, as de trabalho.

Foi realizada em uma amostra probabilística nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

¹ Mestranda em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – São Paulo - Brasil CEETEPS (em andamento). Especialização em Administração de Marketing pela Universidade Paulista (1998) e bacharelado em Comunicação Social pela Universidade de Mogi das Cruzes (1994). Consultora em treinamentos corporativos, docente de Gestão de Negócios no Programa Aprendizagem do SENAC. e-mail: isabel.domingues@cpspos.sp.gov.br

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Mestrado em Tecnologia do Centro Paula Souza desde 2008. e-mail: sferrazfernandez@gmail.com

Segundos dados levantados, em 2011, as mulheres eram maioria na população de 10 anos ou mais de idade (PIA), cerca de (53,7%). Contudo, eram minoria (45,4%) na população ocupada (PO). Em 2003, esse número era de 40,5%.

A pesquisa demonstra também que na comparação com os mesmos anos, o crescimento da participação das mulheres na população economicamente ativa (PEA) foi de 1,8 ponto percentual (de 44,4% para 46,2%).

Falando especificamente sobre escolaridade, ela nos aponta que quando analisada a participação de homens e mulheres por formas de ocupação (militares, trabalhadores domésticos, trabalhadores com ou sem carteira assinada, por conta própria e empregadores), percebeu-se que as mulheres têm participação superior ou semelhante à dos homens, tanto quando a escolaridade que é de 11 anos ou mais de estudo ou de nível superior.

Em relação a jornada de trabalho e a escolaridade, em média, as mulheres trabalharam, 39,2 horas por semana em 2011. No mesmo período, as mulheres que tinham de 8 a 10 anos de estudo apresentaram a maior média de horas semanais habitualmente trabalhadas (39,8 horas). As mulheres que concluíram o nível superior em 2003, apresentava a menor média de horas trabalhadas semanalmente, 37,2 horas, entretanto, entre 2003 e 2011, este grupo apresentou aumento de 0,7 hora na média de horas trabalhadas, sendo o maior aumento entre todos os grupos de anos de estudo. Para os grupos de mulheres com mais escolaridade a média do número de horas trabalhadas aumentou, ao passo que para aqueles que tinham menos que 8 anos de estudo foi possível verificar redução. As mulheres com nível superior completo apresentaram 0,7 hora de aumento. Já aquelas com 4 a 7 anos de estudo, 1 a 3 anos de estudo e sem instrução e menos de 1 ano de estudo apresentaram reduções de 0,4, 0,3 e 1,1 hora, respectivamente.

Vale lembrar que as mulheres apresentam, nesta pesquisa, rendimentos inferiores que o dos homens independente do grupo de anos de estudo que se enquadrem, no entanto, em situações extremas a diferença de rendimentos é menor entre homens e mulheres. Em 2003, a proporção para mulheres sem instrução e com menos de 1 ano de estudo foi de 66,2% e daquelas com 11 anos ou mais de estudo foi de 65,0%. Essas proporções, em 2011, foram de 68,4% e 69,2%, na mesma ordem.

Quando se fala em formação profissional os dados mostram uma mulher em evolução. Da população ocupada, 35,2% são mulheres com formação profissional, enquanto os homens

representam 35,3%, mostrando a igualdade nesta relação. Se comparado aos números de 2003, ocorreu um aumento de mais de 15 pontos percentuais, o que representa um avanço.

Pode-se perceber pela pesquisa que a mulher tem se mostrado interessada em sua escolarização, o que pode apontar para um aumento na oferta de cursos ou acesso a formas de financiamento dos mesmos, mas nada conclusivo. O que se apresenta é que em 2011, 825 mil mulheres estavam desocupadas procurando por trabalho. Esse grupo populacional registrou aumento na escolaridade, visto que, em 2003, em média, 5,0% tinham nível superior e, em 2011, eram 9,8%. Esse crescimento é resultante do aumento da escolaridade de uma forma geral. Em 2003, em média, 44,7% das mulheres desocupadas tinham 11 anos ou mais de estudo, em 2011, essa proporção aumentou para 61,3%.

A pesquisa apresentada, apesar de ter sido realizada há 4 anos, demonstra que mulheres com perfis diferentes, em regiões diferentes do Brasil, caminham para uma ascensão em sua escolarização e, conseqüentemente, na sua participação na sociedade, expressa em sua projeção no mercado de trabalho. Seria isso uma relação de consequência direta do aumento da escolarização? Essa é a força motriz para que a mulher cada vez mais, galgue seu espaço nos bancos escolares?

Esse artigo objetiva apresentar razão pelas quais as mulheres apresentam índices positivos, na participação escolar, quando comparado aos homens, tendo-se como hipótese principal o fato de que um aumento de escolaridade proporcionar a esta uma melhoria de padrão de vida advindo de uma empregabilidade mais qualificada e com melhor remuneração. Neste mesmo caminho e análise, esta condição lhe atribui a prerrogativa de ser vista, respeitada e reconhecida.

2 Antigas reflexões para uma nova mulher

O movimento das atitudes humanas sempre foram alvo de estudos de muitas ciências em suas especificidades. A psicologia, a sociologia, a antropologia, e tantas outras, já deram indícios ou até mesmo respostas a muitos questionamentos relacionados ao homem em sua forma de pensar e agir. São inquietantes os motivos pelos quais jovens e adultos tomam certas decisões.

Quando se fala sobre tomada de decisão, percorre-se caminhos tão diversos quanto a quantidade de decisões que se toma no decorrer de uma vida. Já há indicações que adultos jovens (pessoas entre 18 e 35 anos aproximadamente) trazem em si inquietações advindas da adolescência e de processos emancipatórios complexos, o que faz com que se sintam muitas vezes desconfortáveis ou em dúvida com suas escolhas, até pela gama de possibilidades que a própria juventude proporciona (OSORIO, PILTCHER e MARTINI, 2004, p 193-195). Essas escolhas permearão o ser por toda sua vida e isso também colaborará na construção de sua própria identidade, nunca desvinculado do contexto social e cultural.

Neste contexto ao se analisar o tema proposto, deve-se levar em conta as questões psicológicas e sociais aplicáveis a um sujeito que deseja continuar sua trajetória escolar ou mesmo retorná-la. Uma tomada de decisão que impacta em uma vontade, sonho ou necessidade e que pode colocá-lo em um outro grupo identificativo.

No caso de mulheres e sua relação com os estudos, há ainda indagações sociais que remetem esta mulher ao posto de mãe, chefe de família, filha, esposa, profissional, entre outras, dando nuances que podem pressupor a preponderância de cada um destes papéis sobre a sua escolha ou mesmo sobre sua condição de escolher.

Ao partilhar o viés histórico da trajetória da mulher, depara-se com a imagem de um indivíduo que no início do século passado era propriedade do pai e posteriormente do marido, servidora do lar, indigna de direitos ou até mesmo, na idade média ou na antiguidade, como nos relata Paiva (2000), bruxa ou pecadora (no mito do pecado original).

A literatura do início do século passado aponta um perfil feminino casto e puro, que consegue seus ideais ou é prejudicada sempre em contraponto a sua relação com a figura masculina (Senhora, Inocência, O primo Basílio, etc.). Percebe-se pelo apresentado a trajetória controversa, desafiadora e paulatina que as mulheres percorreram no atingimento de seus direitos mais básicos, o que já pressupõe sua intuitiva marcha para um posicionamento diferenciado daquela mulher do século passado na sociedade contemporânea.

Segundo o jornal O Dia, com base em dados divulgados pelo IBGE e referente ao censo de 2010, hoje em dia já se fala que 38% dos lares brasileiros são sustentados (“chefiados”) por mulheres, isto é, seus recebimentos correspondem a fonte principal de renda da família, fato importante, inclusive para diminuição da pobreza no Brasil e na América do Sul (ABRAMO, 2008, p. 38), não obstante e talvez complementar a este fenômeno, mulheres

já são a maioria nos bancos escolares. Mesmo assim ainda ganham, historicamente menos que os homens (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2008, p. 79),

Essa reflexão sobre o ato do trabalho, ganho e consumo se relacionará diretamente em como o trabalhador em questão é visto ou não pela sociedade e também por ele mesmo em sua identidade (ROSE, 2015, p. 21; 24).

A identificação com certas ideias, grupos, nações ou crenças, dá a noção de pertencimento ao indivíduo, pois o insere em comunidades simbólicas repletas de significados e representações (HALL, 2014, p. 30 - 38), o que proporciona a ele segurança e confiança.

Neste momento, pode-se contrapor a ideia de pertencimento a de motivação, mas antes devemos conceituar motivação. Para Christiane Gade (2006), refere-se àquelas atividades que nos impulsionam a atingir um objetivo. Para Arno Witting (1990), é a condição que inicia, dirige e mantém os comportamentos até se atingir uma meta. Segundo o dicionário Aurélio, motivo é “causa, razão, fim com que se faz alguma coisa, assunto de composição, frase musical que se reproduz com modificações num trecho e lhe imprime o seu caráter, que pode fazer mover, motor, movente, que determina ou causa alguma coisa”. No senso comum, usa-se motivo com a conotação de causa.

Neste artigo, trabalhar-se-á com a ideia de motivação de Maslow que a coloca como algo relacionado a um propósito, finalidade e que impele a realizá-lo.

As motivações são apenas **uma classe de determinantes do comportamento**. Ao mesmo tempo em que o comportamento é motivado, ele também é quase sempre determinado biologicamente, culturalmente e situacionalmente (MASLOW,1999 p. 295 *apud* SAMPAIO, 2009 p. 6) Grifo do autor.

É interessante que mesmo com as diferentes conceituações, autores concordam que os motivos são intrínsecos a cada um, isto é, residem dentro das pessoas e não são fatores externos, muito embora, tenham, estes fatores o poder de, temporariamente, segundo o próprio Maslow, colaborar para sua manifestação ou não (BARROS, 1990 p. 143). Por isso é importante analisar, como principal perspectiva, o homem em seu contexto psicossocial, onde as relações psicológicas são amplamente influenciadas pelos aspectos sociais e culturais, vistos sobre a ótica do psicólogo americano, Abraham Maslow.

Abandona-se então, a ideia de motivo ser apenas causa ou mero impulsionador para se desempenhar um papel social, pois esta dimensão é refutada pelo próprio Maslow. Segundo Jader Sampaio (2009, p. 6):

Maslow apoia, portanto, em uma visão de **homem racional**, mas às voltas com seus impulsos e desejos; dotado de corporalidade, não circunscrito, todavia, a ela; **possuidor de uma vida interior, que não pode ser reduzida à mera manifestação da cultura ou da sociedade e que não se acha descolada delas**; em interação interpessoal, mas também com elementos coletivos, é um **“todo integrado e organizado”** e capaz de escolhas e de criação de significado para a realidade.

Por isso, com base nesta vida interior, mas infinitamente relacionada às interações sociais e ao coletivo, apresenta-se, neste trabalho, linhas gerais de uma mulher contemporânea que, por ser um indivíduo social, se relaciona com outros indivíduos, mas traz em si uma carga histórica e uma dinâmica social que a coloca como protagonista e coadjuvante ao mesmo tempo, com papéis múltiplos, mas com foco no seu desenvolvimento nas últimas décadas.

O fato é que esta evolução pode se prevista se pensarmos que a motivação é algo que também evolui conforme sua realização. Segundo Maslow “O homem é um animal “desejante” e raramente atinge um estado de completa satisfação exceto por um curto período de tempo. Assim que um desejo é satisfeito, outro explode e assume o seu lugar” (MASLOW, 1954, p.69).

Espera-se, então, que sempre motivadas, mulheres assumam cada vez mais as posições almeçadas. Um caminho que remete a hierarquia de suas necessidades.

3 Motivos para continuar

Uma canção popular da década de 1990 perguntava em sua letra do que as pessoas tinham fome e sede, numa demonstração que a ideia de que os indivíduos são diferentes e plurais, denota que pessoas tem desejos e necessidades diferentes. Isto é, quando comem, bebem ou fazem qualquer coisa, querem mais do que o simples ato pressuposto. Muitos motivos permeiam simples decisões. Mas como identificá-los?

Mulheres casadas, mulheres solteiras, mães, filhas, esposas e uma pesquisa que as coloca frente a questionamentos relativos a suas escolhas. Apresenta-se, desta forma, 200 mulheres e suas motivações.

A pesquisa ocorreu entre os dias 21 e 27 de outubro de 2015 em ambiente virtual, realizada na plataforma *Survey Monkey*, em amostragem realizada por conveniência e os respondentes aderiram voluntariamente por interesse no tema, uma vez que a pesquisa foi disponibilizada em rede social, mas aberta ao público geral que a replicou a seus amigos, sendo os mesmos anônimos e fora do ciclo de convivência da autora da pesquisa. Aos participantes, relatado foi seus objetivos e finalidade, bem como preservação da identidade dos respondentes que se identificavam apenas se desejasse.

A ideia principal era colher dados durante o tempo necessário para se conseguir 200 respondentes, quando a pesquisa seria fechada.

Em relação a faixa etária, as participantes deveriam ter a partir de 15 anos, sendo que entre 15 a 20 anos de idade foram apenas 5% da amostra e com mais de 61 anos apenas 1% e de 50 a 60 anos. O maior contingente encontra-se entre 21 e 50 anos de idade, sendo as faixas mais encontradas: de 21 a 30 anos, 22%, de 31 a 40, 32% e de 41 a 50, 28%.

É interessante que nesta faixa etária a mulher encontra-se altamente produtiva e economicamente ativa, segundo as próprias fontes do IBGE.

Dentre estas mulheres, 30% são solteiras e 48%, casadas, seguida das que se encontram em união estável (11%), portanto também são casadas, 10% separadas, isto é, solteiras de fato e as viúvas que figuram em apenas 1% das respondentes.

Sobre a região onde vivem, apresenta-se o quadro 1.

Quadro 1: Regiões de residência

SP – Zona Norte	14%
SP - Zona Leste	14%
SP - Zona Oeste	31%
SP - Zona Sul	12%
Outros municípios de São Paulo	19%
Outros Estados	9%

Fonte: Autor

Exceto pela leve tendência às moradoras da zona oeste de São Paulo, as outras regiões aparecem em equilíbrio, inclusive com respondentes de fora de São Paulo.

Das 100 entrevistadas 36% estão estudando no momento e 64% não estão estudando, mas gostaria de retornar ou têm planos para o fazer.

Em relação ao nível escolar, as respondentes apresentam:

Quadro 2: Nível de escolaridade

Ensino Médio	5,00%
Ensino Técnico Profissionalizante	5,00%
Ensino Superior	32,00%
Especialização	9,00%
Pós Graduação Latu Senso	30,00%
Mestrado	15,00%
Doutorado	1,00%
Cursos Complementares	3,00%

Fonte: Autor

Pode-se perceber uma inclinação às que possuem ensino superior em diante, até o nível do mestrado.

Não se apresentaram respondentes do ensino fundamental ou de alfabetização de adultos (EJA) nesta pesquisa.

Até o momento, esta pesquisa nos apresenta uma mulher que tem entre 31 e 50 anos, casada, moradora de São Paulo, que estuda ou quer voltar a estudar e que está entre o ensino superior e a pós-graduação.

Quando se perguntou o que motiva esta mulher a estudar ou a continuar a estudar, ela, numa proposta em escala Likert que variava de “nada importante” a “totalmente importante”, apresenta-se:

Quadro 3: Motivos para estudar

MOTIVOS	Média Ponderada
Ganhar mais	3,49
Subir de cargo	3,18
Aprender coisas novas	4,21
Dar orgulho para familiares	2,60
Ser respeitada	3,26
Ser valorizada	3,49
Não ser humilhada	2,54

Sentir-se segura	3,45
Ter maiores oportunidades	4,03
Dar exemplos aos filhos	3,44
Ajudar os filhos nas lições	2,81
Aproveitar o tempo livre que tem	2,65
Querer se igualar a parentes ou amigos que estudam	1,51
Pressão dos familiares	1,38
Pressão da empresa onde trabalha	1,82
Vergonha por ter poucos anos de estudo	1,48
Vergonha por seus filhos terem mais estudos que você	1,41
Vergonha por seu marido ter mais estudos que você	1,34
Ter medo de passar necessidades	2,57
Ter medo dos filhos passarem necessidades	2,85
Querer um futuro melhor	3,99
Querer um futuro melhor para sua família	3,85
Querer melhorar o padrão social	3,33
Querer adquirir artigos de maior valor	2,47
Ser admirada	2,92

Fonte: Autor

Ressalta-se que a ordem apresentada é a mesma com a qual se aplicou a pesquisa. Percebe-se que as colocações vão e voltam e se repetem, com outras palavras, o que reafirma os desejos da mulher respondente. As proposições em negrito no quadro III são aquelas que mais se apresentaram na escala, e as em vermelho também dentre as que mais se apresentaram, mas com certa relação com aquelas em negrito, como por exemplo “querer um futuro melhor para a família” e “dar exemplo aos filhos” ou “ter maiores oportunidade” e “ganhar mais”, ou até mesmo “aprender coisas novas” e “sentir-se segura”.

Mulheres com o perfil apresentado querem aprender coisas novas e valorizam a melhoria intelectual, mas nunca dissociado da melhoria de seu padrão de vida e do crescimento profissional. A valorização se apresenta aqui como a relação que se tem com sua própria identidade e participação social, o que a faz ser reconhecida.

Deve-se lembrar, neste ponto, que as ideias de Maslow, teórico base deste artigo, fugiam do individualismo, mas também evitavam qualquer reducionismo sociológico. Por isso uma das principais características de suas teorias é a relação da preponderância das necessidades, que não pode ser vista como algo pontual e fora do contexto sociocultural, mas relacionava as questões psicológicas às esferas da vivência do indivíduo em grupo, como, neste caso, a mulher, seu contexto educacional atual e sua contrapartida e social e antropológica.

Segundo Sampaio (2009), Maslow via o homem racional, mas cheio de impulsos e desejos, que não podiam ser limitados apenas a manifestações culturais ou algo assim. O indivíduo era integrado e organizado e por isso, a motivação dava-se neles como um todo e que havia motivos que tinham finalidades encontradas na cultura deste homem (necessidades). Por isso, as ideias de gratificação e privação são tão importantes, pois revelam uma relação que impulsiona a uma ação, mas este é mais social e menos fisiológico. Essa privação, nos remete a necessidade que as mulheres têm de destaque no âmbito educacional como forma de serem vistas socialmente como capazes e atuantes.

Dentro desta visão, Maslow propôs que há dois mecanismos para motivação: motivação por deficiência e motivação para crescimento (SAMPAIO, 2009 p.8). Isso também pressupõe que o indivíduo sempre está em busca de algo que o motive e que assim que alcança um objetivo, na sequência já busca novos para se sentir desafiado a uma automotivação constante.

Segundo a teoria há 7 necessidades básicas de preponderância (fisiológicas, de segurança, de pertencimento, de estima, de auto realização, desejo de saber e estéticas), por isso, procurou-se relacionar as perguntas do questionário Likert as estas necessidades básicas, exceto fisiológicas e estéticas, por não se perceber aderência direta ao tema.

Algo importante a se ater na teoria de Maslow é o surgimento das *metanecessidades* que vêm a toma após se alcançar as necessidades básicas, o que pressupõe uma sofisticação, inclusive sensorial, que ocorre com o desenvolvimento motivacional.

Em relação ao mundo do trabalho, Maslow se mostra bem reticente na aplicabilidade de suas teorias motivacionais, pois não entende a motivação como força mobilizadora para o sucesso corporativo. No caso deste artigo não focamos o trabalho e sim a busca do conhecimento, o que acabou catapultando o tema trabalho às alturas por ser busca da mulher que quer uma melhor educação – ser profissionalmente respeitada.

Maslow defendia que as pessoas tinham outros interesses além do crescimento profissional, mas que a sinergia era fator que poderia trazer benefícios aos colaboradores e à empresa. A sinergia daria essa noção de realização e bem-estar que os bons ambientes de trabalho proporcionam.

Além disso, o “ato de trabalhar” tem uma função de autorealização. Pessoas que se sentem assim são mais criativas e valorizam a autonomia que têm, isso foi denominado por Maslow como *metapagamento* (SAMPAIO, 2009 p. 10). Na pesquisa, é evidente a procura da

mulher pelo crescimento na educação para crescer profissionalmente e ser reconhecida, o que se pode, grosso modo, encarar como um tipo de *metapagamento*.

Pelo próprio perfil de mulher encontrado na pesquisa, percebe-se que aquelas motivações relacionadas a pequenos progressos profissionais ou mesmo a subsistência ou mesmos os relacionados às vaidades mais modestas, não apresentam grande peso ou importância, mas não desaparecem por completo da pesquisa. Esta é uma relação perfeita da teoria da hierarquia das necessidades e a relação pesquisada, pois se estas mulheres já atingiram sua satisfação nos patamares referentes às necessidades básicas, elas automaticamente já buscam outras que as complete, numa relação de preponderância de uma sobre a outra.

Sentir-se aceita no seu grupo, ter influência ou não ser humilhada já não fazem parte das suas necessidades. Elas querem ter conhecimento, para galgarem melhores postos e assim, garantir um futuro melhor para a família, sentir-se seguras.

Finalmente, quando perguntadas para resumir em uma palavra o que representaria para elas a continuidade ou retorno aos estudos, as palavras e termos apresentados, seguidos das quantidades de vezes que apareceram, foram: Conhecimento(16), Atualização (9), Não comentaram (8), Crescimento(7), Aprender(7), Satisfação Pessoal(4), Realização(4), Futuro(3), Vontade(2), Motivação(2), Novidades(2), Família(2), Dedicção(2), Objetivo(2), Carreira(2), Sabedoria(2), Prazer (2) e Oportunidades(2). Também apareceram: Desenvolvimento, Renovação, Mobilização, Autoestima, Desafio, Gratificante, SonhoLiberdade, Necessidade, Dinheiro, Evolução, Estabilidade, Sucesso, Estabilidade, Progresso, Força De Vontade, Acrescentar, Segurança, Paixão Por Estudar, Reconhecimento e Determinação.

As respostas são reveladoras sobre a vontade da mulher em crescimento intelectual, mas com foco no desenvolvimento profissional e financeiro, muito embora o estudar apareça com nuances de prazer, motivação, alegria e satisfação pessoal, o que remete ao prazer do saber e a vontade de se saber mais.

Ao mesmo tempo que elas entendem o retorno ou continuidade do estudo como fonte de conhecimento, atualização e aprendizagem, entendem também que com isso podem obter crescimento, satisfação e realização pessoal e melhorar o futuro. Quase todas as outras palavras espontâneas levantadas nesta mesma indagação estão relacionadas às questões tão

mais voltadas a sua identidade de sucesso, do que a preocupação com seu arcabouço de conhecimentos, meramente.

4 Considerações finais

Como apontado na introdução deste trabalho, as mulheres apresentam índices positivos na participação escolar, quando comparado aos homens e isso se relaciona a busca da satisfação de suas necessidades como fator motivador e impulsionador para as atitudes desta mulher contemporânea determinada a ser reconhecida socialmente.

O aumento de escolaridade relaciona-se, para esta mulher, como a oportunidade de melhoria de padrão de vida em função das novas e melhores chance de empregabilidade e de ocupação de posições onde se exigem maior qualificação e com melhor remuneração. Neste mesmo caminho e análise, esta condição lhe atribui a prerrogativa de ser vista, respeitada e reconhecida

Pode-se perceber que uma mulher em ascensão se encontra eclodindo socialmente. Suas buscas e focos estão pautadas em conexões muito fortes, como por exemplo, os filhos, a família e o resgate de sua autoestima e dignidade.

Esta mulher do século XXI vem se preparando há algumas décadas para ser vista e vem conseguindo bons resultados. Longe de ser enxergada de forma igualitária em relação ao homem ainda nos dias de hoje, pode-se afirmar que muitos preconceitos já têm sido minimizados, o que já demonstra, em sua caminhada, os passos firmes e a determinação que a norteia para alcançar seus objetivos. Motivada para isso, pode-se dizer que ela está.

Survive and be - the motivation of adult's woman to study

Abstract. This work focuses on the investigation of the motivating factors for women to continue to study . From the point of view of Maslow, it was traced some paths that reveal what these women value and what they expect with their educational ascension. One can see that there's a woman on the rise which is bursting socially. Focus your searches and are guided in very strong connections, such as children , the family and the rescue of their self-esteem and dignity. Factors that mobilize these women to build their identity and be recognized socially.

Keywords. Women in school, women's motivation, women's social development.

Sobrevivir y ser - la motivación de la mujer a estudiar

Resumen. Este trabajo se centra en la investigación de los factores de motivación para las mujeres a seguir estudiando. Desde el punto de vista de Maslow, fue rastreado algunos caminos que revelan lo que valoran estas mujeres y lo que esperan en su ascensión educativo. Se puede observar que hay una mujer que está saliendo socialmente. Las búsquedas y los brotes son guiados en conexiones muy fuertes, como los niños, la familia y el rescate de la autoestima y la dignidad. Los factores que movilizan a estas mujeres a construir su identidad y ser reconocidos socialmente.

Palabras clave. Mujeres en la escuela, motivación femenina, desarrollo social femenina.

Referências

- ABRAMO, Lais. **Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária?** In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Org). Organização, trabalho e gênero. 1ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- BARROS, Celia Silva Guimarães. **Pontos da Psicologia Geral.** 6ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Rosa Maria. **Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes.** In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Org). Organização, trabalho e gênero. 1ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- GADE, Christiane. **Psicologia do Consumidor.** São Paulo: EPU, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** São Paulo: Editora Lamparina, 2014.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Mensal de Emprego: Dia internacional da Mulher.** IBGE, 2012
- OSORIO, Claudio Maria da Silva; PILTCHER, Renato B.; MARTINI, Thais. **Adultos Jovens e seus scripts: novas gerações e novos cenários.** In: EIZIRIK, Claudio L, BASSOLS, Ana Margareth S. (org). **O ciclo da vida humana: Uma perspectiva Psicodinâmica.** 2ª ed. São Paulo: Artmed, 2013.
- PAIVA, Vera. **Evas, Marias e Liliths –as voltas do feminino.** 2ª Ed. São Paulo. Brasiliense.
- Jornal o Dia. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-10-31/mulheres-chefiam-38-dos-lares-brasileiros-aponta-ibge.html>. Acessado em 19.10.2015.

*Recebido em maio de 2016.
Aprovado em junho de 2016.*